Anais de Resumos Expandidos
VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

JORNALISMO TEXTUAL NO BRASIL EM TEMPOS DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: Hibridização, reconfiguração e cartografia das tarefas

WRITTEN JOURNALISM IN BRAZIL IN THE AGE OF ARTIFICIAL INTELLIGENCE: Hybridization, Reconfiguration and Task Cartography

Renata Carvalho Fedulo

Palavras-chave: Jornalismo textual; Inteligência artificial generativa; Mediação sociotécnica; Cartografia das tarefas.

1. Introdução

No cenário contemporâneo, os sistemas algorítmicos deixaram de atuar como meros suportes operacionais para assumirem papel central na estruturação dos fluxos comunicacionais. Como argumenta Lemos (2020), o conceito de mediação revela-se fundamental para compreender os processos comunicativos que consideram a agência dos objetos e sua materialidade. Paralelamente, Couldry e Mejías (2019) sinalizam a consolidação de um colonialismo de dados, caracterizado pela conversão sistemática dos eixos da vida social em dados passíveis de monetização e controle, processo que reposiciona o jornalismo escrito como espaço estratégico de disputa epistêmica.

A difusão global da inteligência artificial generativa (IAG) a partir do final de

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

2022 aprofundou as dinâmicas de automação e transformou as fronteiras laborais no ambiente informacional. Segundo Nishal et al. (2026), embora essas ferramentas expandam as capacidades computacionais de processamento textual, sua adoção desprovida de reflexão crítica coloca em risco eixos normativos da profissão, sobretudo quando regimes de monitoramento humano são negligenciados em prol da eficiência mecânica. A opacidade dos grandes modelos de linguagem (LLMs) e seus enviesamentos embutidos introduzem novos níveis de incerteza no ecossistema de produção de notícias.

2. Procedimentos Metodológicos

A pesquisa adota abordagem qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, combinando análise documental, levantamento com profissionais e experimentação controlada. A etapa documental examinou manuais, diretrizes e políticas editoriais relacionadas ao uso de inteligência artificial em organizações jornalísticas nacionais e internacionais, com o objetivo de identificar normas institucionais, limites de aplicação e critérios de supervisão humana.

Complementarmente, foi aplicado um questionário a 28 jornalistas atuantes em veículos de comunicação escritos no Brasil, buscando mapear percepções, práticas de uso e níveis de delegação de tarefas a sistemas de inteligência artificial generativa. Os dados foram analisados de forma descritiva, permitindo identificar tendências recorrentes de adoção e resistência tecnológica.

Por fim, realizou-se uma etapa experimental, na qual ferramentas de inteligência artificial generativa foram submetidas a tarefas representativas do fluxo produtivo jornalístico, incluindo elaboração de pautas, produção de rascunhos e síntese de informações. Os resultados foram avaliados a partir de critérios de precisão factual,

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

contextualização, coerência narrativa e necessidade de intervenção humana. A triangulação entre documentos institucionais, percepções profissionais e experimentação prática permitiu construir uma cartografia das tarefas delegadas à inteligência artificial no jornalismo escrito contemporâneo.

3. Mediação e Delegação nas Redes Sociotécnicas

O marco teórico que sustenta a análise compreende a produção jornalística como um fenômeno relacional, constituído a partir de associações heterogêneas entre humanos, códigos algorítmicos, diretrizes corporativas e aparatos técnicos. Sob a ótica da Teoria Ator-Rede (TAR), a ação não é propriedade exclusiva do ator humano, mas o efeito emergente de redes de actantes em que entidades não humanas exercem agência ao traduzir, modificar e deslocar objetivos iniciais. Os sistemas de inteligência artificial generativa operam nessa teia não como intermediários neutros, mas como mediadores ativos que transformam os fluxos de trabalho.

Nesse horizonte analítico, a categoria de delegação adquire centralidade operativa. Delegar a um não humano significa inscrever no artefato técnico uma competência desempenhada por agentes humanos (Latour, 2005). No plano das ciências organizacionais, esse movimento evoca as discussões de Mintzberg (1983) sobre a descentralização e a especialização do trabalho como respostas à complexidade ambiental, bem como as formulações de Simon (1997) a respeito da racionalidade limitada, que exige a partilha de processos decisórios sob restrições cognitivas. No contexto jornalístico, a delegação à IAG não se traduz em substituição identitária, mas em reconfiguração prática: as ferramentas algorítmicas processam probabilidades linguísticas, enquanto o profissional se desloca para o topo da cadeia produtiva, retendo as prerrogativas de atribuição de sentido e validação ética.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

4. A Cartografia das Tarefas: Análise dos Dados Empíricos

Para mapear empiricamente as dinâmicas de hibridização, o estudo decompôs as rotinas das redações de jornalismo escrito em três eixos daptados de Diakopoulos (2019): preparação informacional, produção narrativa e revisão/validação.

4.1. Preparação Informacional e a Norma Documental

O primeiro eixo analítico investigou atividades preliminares à escrita, tais como geração de ideias de pauta, levantamento de fontes, monitoramento de redes, tradução e transcrição de entrevistas. Os dados documentais coletados em manuais de redação apontam que este é o quadrante de maior permissividade regulatória. Agências internacionais como Associated Press (2024) e Reuters (2024) normatizam o emprego de IA para transcrição e triagem de grandes volumes de dados, desde que sob estrita vigilância humana. No Brasil, diretrizes do *Estadão* (Grupo Estado, 2025) autorizam o uso de ferramentas de suporte analítico, enquanto a *Folha de S.Paulo* (2024) e o *Grupo Globo* (2024) admitem a tecnologia como assistente de bastidor focado na otimização de tempo.

Essa convergência documental foi corroborada pelo levantamento empírico aplicado a 28 jornalistas atuantes no ecossistema de mídia escrita brasileira. O questionário indicou que 78,8% dos respondentes utilizam rotineiramente sistemas baseados em IA para transcrição de áudios de entrevistas e 63,4% aplicam ferramentas de IAG para tradução e sumarização de relatórios técnicos densos. Os profissionais justificam a delegação a partir dos ganhos expressivos de eficiência temporal, reduzindo o desgaste em processos puramente mecânicos.

4.2. Produção Narrativa e as Barreiras do Drafting

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

O cenário altera-se substancialmente no segundo eixo, correspondente à elaboração de rascunhos (*drafting*), redação de matérias completas e geração de títulos. Os manuais editoriais analisados manifestam severas restrições neste bloco. O *The New York Times* proíbe categoricamente a publicação de textos cuja estrutura narrativa principal tenha sido gerada por algoritmos de terceiros, defendendo a integridade da voz editorial. Essa proibição encontra fundamento nas limitações intrínsecas dos modelos. Como evidenciado por Bender et al. (2021), LLMs funcionam como "papagaios estocásticos", recombinando padrões estatísticos desprovidos de intenção comunicativa ou ancoragem empírica no mundo factual, o que resulta em narrativas padronizadas e homogeneizadas.

O levantamento empírico traduz essa barreira teórica e normativa: apenas 11,5% dos jornalistas afirmaram utilizar a IAG para redigir parágrafos inteiros de matérias, e nenhum informou delegar a escrita integral do texto. Contudo, a técnica de *drafting* (geração de esboços ou estruturas de tópicos) é admitida por 34,6% da amostra. A resistência dos profissionais vincula-se à percepção de perda de autoria e ao empobrecimento estilístico.

A fase experimental da pesquisa validou essa percepção. Ao submeter pautas complexas de interesse público ao ChatGPT para redação automatizada, os textos resultantes demonstraram coesão gramatical superficial, mas falharam sistematicamente na articulação de contextos locais, demonstrando um tom excessivamente neutro e incapaz de captar nuances políticas e sociais essenciais ao jornalismo.

Adicionalmente, o processo de escrita a partir de rascunhos algorítmicos inverte o esforço laborais: o jornalista passa a atuar de forma reativa, enquadrado pelos limites temáticos estabelecidos previamente pela IA (Nishal et al., 2026).

4.3. Revisão, Validação e o Risco de Alucinação

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

O terceiro eixo abrange as tarefas de revisão gramatical, checagem factual e adequação de formatos. Trata-se do nó crítico da hibridização, onde os riscos técnicos manifestam-se com maior severidade. O fenômeno da "alucinação", mapeado detalhadamente por Ji et al. (2023) como a emergência de informações falsas geradas por imperativos probabilísticos do modelo, e as invenções estruturais descritas por Marcus (2022) impõem uma barreira intransponível à automação plena.

Nos experimentos conduzidos neste estudo, o sistema algorítmico inventou referências bibliográficas e atribuiu declarações a autoridades públicas que jamais ocorreram, fenômeno decorrente da lógica preditiva do sistema. No questionário, 92,3% dos jornalistas identificaram o risco de disseminação de informações incorretas como a principal desvantagem da IAG, e 86,5% apontaram que a checagem final deve ser estritamente manual.

Esses dados demonstram que a promessa teórica de que a automação operaria como uma "rampa de saída" para liberar tempo produtivo em prol do jornalismo investigativo (Lewis et al., 2025) é frustrada na prática cotidiana pelas dinâmicas da *hamster wheel* digital. O tempo poupado na redação mecânica acaba sendo absorvido por um monitoramento minucioso e exaustivo das saídas da máquina, gerando novos tipos de desgaste cognitivo decorrentes da vigilância necessária contra os erros da IA (Nishal et al., 2026).

5. Matriz de Delegação Sociotécnica

A partir da triangulação dos dados, este artigo propõe a **Matriz de Delegação Sociotécnica** como um protocolo de governança voltado a orientar gestores e repórteres na integração ética e produtiva da IAG nas redações. O modelo estrutura as atividades em quatro quadrantes distintos de atuação, mapeando o nível de intervenção algorítmica e a exigência de supervisão humana:

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

Quadrante Analítico	Nível de Automação	Tarefas Correspondentes	Regime de Supervisão Humana
1. Automação Operacional	Alta	Transcrição de entrevistas, tradução de relatórios, formatação de metadados SEO.	**Supervisão por Amostragem:** Verificação pontual de termos técnicos e nomes próprios.
2. Co-Criação Assistida	Moderada	Sumarização de documentos longos, geração de estruturas de tópicos (*drafting*), ideias de títulos.	**Supervisão Contínua:** Intervenção ativa para eliminar redundâncias e enquadramentos enviesados.
3. Crítico / Interpretativo	Baixa	Redação do corpo da notícia, entrevistas de campo, análise conjuntural, investigação de denúncias.	**Execução Humana Exclusiva:** Vedada a delegação de escrita ou tomada de decisão editorial à IA.
4. Validação Estruturante	Nula	Verificação factual, checagem de fontes, revisão ética e jurídica de conteúdos gerados por IA.	**Controle Total Humano:** Revisão exaustiva obrigatória, linha por linha, antes de qualquer publicação.

Os resultados indicam que a inteligência artificial generativa não promove a substituição linear do trabalho jornalístico, mas uma reconfiguração assimétrica das rotinas produtivas. Enquanto sua utilização se consolida nas etapas de processamento e preparação informacional, sua aplicação em atividades de interpretação e construção de sentido permanece limitada pelos riscos de alucinação factual e pelas restrições dos

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

modelos probabilísticos, preservando o papel do jornalista na validação das informações.

Conclui-se que a adoção da IAG demanda diretrizes institucionais e mecanismos de governança capazes de assegurar transparência, qualidade editorial e autonomia profissional diante da crescente dependência de infraestruturas tecnológicas globais.

Referências

ASSOCIATED PRESS. **Standards Around Generative AI**. New York: Associated Press, 2024.

BENDER, Emily M.; GEBRU, Timnit; MCMILLAN-MAJOR, Angelina; MITCHELL, Shmitchell. On the dangers of stochastic parrots: can language models be too big? In: **Proceedings of the 2021 ACM Conference on Fairness, Accountability, and Transparency (FAccT '21)**. New York: ACM, 2021. p. 610-623. DOI: https://doi.org/10.1145/3442188.3445922

COULDRY, Nick; MEJÍAS, Ulises A. **The costs of connection**: how data is colonizing human life and appropriating it for capitalism. Stanford: Stanford University Press, 2019.

CRAWFORD, Kate. **Atlas of AI**: Power, Politics, and the Planetary Costs of Artificial Intelligence. New Haven: Yale University Press, 2021.

DIAKOPOULOS, Nicholas. **Automating the news**: how algorithms are rewriting the media. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2019.

FOLHA DE S.PAULO. **Manual da Redação**: Atualizações sobre uso de inteligência artificial. São Paulo: Folha, 2024.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

GRUPO ESTADO. **Política de uso de Inteligência Artificial**. São Paulo: Grupo Estado, 2025.

GRUPO GLOBO. **Princípios Editoriais do Grupo Globo (atualização com IA)**. Rio de Janeiro: Grupo Globo, 2024.

JI, Ziwei; LEE, Nayeon; ISHWARAN, V.; YU, Xinyi; CHEN, Tianyi; ZHOU, Ming. Survey of hallucination in natural language generation. **ACM Computing Surveys**, v. 55, n. 12, p. 1-38, 2023. DOI: https://doi.org/10.1145/3571730

LATOUR, Bruno. **Reassembling the social**: an introduction to actor-network-theory. Oxford: Oxford University Press, 2005.

LEMOS, André. Epistemologia da comunicação, neomaterialismo e cultura digital. **Galáxia (São Paulo)**, n. 43, p. 1-15, 2020. DOI: https://doi.org/10.1590/1982-25532020146333

LEWIS, Seth C.; ZAMITH, Rodrigo; BUNQUIN, Jon A. Technological hype and AI in journalism: five functions and why they matter. **Digital Journalism**, v. 13, n. 2, p. 189-207, 2025. DOI: https://doi.org/10.1080/21670811.2025.2557994

MARCUS, Gary. The next decade in AI: four steps towards robust artificial intelligence. **Daedalus**, v. 151, n. 2, p. 13-29, 2022. DOI: https://doi.org/10.1162/daed_a_01908

NISHAL, Sachita; LEE, Mina; DIAKOPOULOS, Nicholas; VAUGHAN, Jennifer Wortman. "Helping Me Versus Doing It for Me": Designing for Agency in LLM-Infused Writing Tools for Science Journalism. In: **Proceedings of the CHI Conference on Human Factors in Computing Systems (CHI '26)**. Barcelona: ACM, 2026.

PEIRCE, Charles Sanders. **Collected Papers of Charles Sanders Peirce**. Cambridge: Harvard University Press, 1931.

REUTERS. **Trust Principles and AI Guidance**. London: Reuters, 2024.

SANTAELLA, Lucia. Inteligência contínua: a sétima revolução cognitiva do Sapiens. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 46, p. 347-362, 2023. Edição Especial 1. DOI: https://doi.org/10.1590/0101-3173.2023.v46esp1.p347

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

SIMON, Herbert A. **Administrative Behavior**: A Study of Decision-Making Processes in Administrative Organizations. 4. ed. New York: Free Press, 1997.